

A micro-história e a sua história*

Diogo da Silva Roiz¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002, 163p.

Em 1991, Jacques Revel organizou um seminário na *Escola de Autos Estudos em Ciências Sociais* de Paris, na França, no qual se discutiria a micro-história e seus dilemas. No texto que apresentou no encontro, Revel aproveitou para avaliar esta linha investigativa e deixar a seguinte indagação: “A abordagem micro-histórica tornou-se, nestes últimos anos, um dos lugares importantes do debate epistemológico entre os historiadores. Feita esta afirmação, convém desde logo limitar seu alcance e dizer que esse debate permaneceu concentrado no interior de um número relativamente restrito de grupos, de instituições e de programas de pesquisa (cujo mapeamento seria aliás interessante realizar)” (REVEL, 1998; p. 15).

Em 2002, Ronaldo Vainfas lançou um pequeno livro, no qual seu objetivo foi justamente o de pesquisar a história da "micro-história, mapeando seus principais locais de produção. Essa incursão no tema dá continuidade à análise do autor, iniciada em artigos que lançou em 1994, e continuada na sua conclusão, ao livro coletivo *Domínios da história*, publicado em 1997, com a parceria de Ciro Flamarion Cardoso e outros pesquisadores. Já nesse novo livro, sobre a *Micro-história*, que foi dividido em cinco capítulos, o autor começa por ressaltar que o texto “sobre à micro-história não tem [...] outra ambição senão a de tentar esclarecer, afinal, o que é a micro-história, suas propostas, seus métodos, o lugar específico que ocupa na chamada Nova História” (VAINFAS, 2002; p. 11).

No primeiro capítulo, *O que a micro-história não é*, o autor evidenciou as diferenças entre a “História das Mentalidades”, a “Nova História Cultural” e a “Micro-história”, que foram recebidas simultaneamente no Brasil, o que inviabilizou as devidas demarcações de fronteiras entre os campos. No entanto, o autor demonstra que a Antropologia foi um elo fundamental, e que aproximou àqueles campos específicos de pesquisa, devido à abertura de fontes, problemas e abordagens, e em função de preocupações em comum, como o cotidiano das massas anônimas (seus modos de agir e pensar) e de pessoas, até aquele momento desconhecidas, ou pouco pesquisadas.

¹ Doutorando em História pela UFPR e bolsista do CNPq. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambáí, em afastamento integral para estudos. Endereço para correspondência: Rua Tibagi nº 404, Edifício Aruanã, apto 100, Centro, Curitiba, PR, 80060-110 (diogosr@yahoo.com.br)

Analisar como e onde se originou a micro-história foi o objetivo do segundo capítulo, *O berço da micro-história*, com o qual o autor se esforça para demonstrar que a passagem da História das Mentalidades dos anos de 1970, para a Nova História Cultural dos anos de 1980 (na qual também se enquadra o grupo de historiadores italianos que fundaram a Micro-história como gênero de pesquisa) foi fundamental para o próprio reconhecimento e surgimento da Micro-história. Nas palavras do autor:

O percurso que vimos de reconstituir da história das mentalidades à história cultural é de suma importância para a localização da gênese da micro-história. Em primeiro lugar porque, surgida na altura da década de 1980, ela constituiu, em muitos aspectos, um dos refúgios que abrigou as temáticas correntes na história das mentalidades. À medida que esta começou a dar evidentes sinais de desgaste, em especial diante das críticas quanto à ambigüidade ou fragilidade teórica, muitos autores até então dedicados às mentalidades migraram para o novo campo de estudos. Nesse sentido, como observa Giovanni Levi, o surgimento da micro-história tem a ver com o debate intelectual e historiográfico das décadas de 1970 e 1980. Tem a ver, portanto, com a questão da crise do paradigma marxista e de outros modelos de história totalizante e com a "solução" das mentalidades, que cedo se mostrou inconsistente no plano estritamente teórico-metodológico (*Idem*, p. 68).

Foi, desse modo, com a criação da coleção intitulada, não por acaso, de *Microstorie*, e publicada, a partir de 1981, pela editora Einaudi, em Turim na Itália, que Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, entre outros, deram início aquele projeto intelectual, que se multiplicou nas páginas da revista *Quaderni Storici*, que seguiu a mesma linha editorial e de pesquisa. Para demonstrar isso, o autor fez o levantamento dos títulos publicados na coleção entre 1981 e 1988, e constatou justamente a proximidade da micro-história, com a história cultural.

No capítulo seguinte, *A micro-história em cena*, o autor avaliou as principais obras desse gênero de pesquisa, demonstrando a proximidade entre os seus enredos, com o exemplo de *O queijo e os vermes* de Carlo Ginzburg, *O retorno de Martin Guerre* de Natalie Zemon Davis, *A herança imaterial* de Giovanni Levi e *Atos impuros* de Judith Brown. Todos os textos tiveram em comum estudar personagens, até aquele momento, praticamente anônimas no discurso historiográfico. Todos tiveram em comum escreverem textos,

em que seus enredos se aproximavam diretamente de um romance, e o autor chega a indagar se não foi esse, de fato, o objetivo de Zemon Davis em seu livro. Todos tiveram ainda em comum o uso do discurso narrativo, como forma de exposição dos dados, ao analisarem personagens que viveram entre os séculos XVI e XVII.

Com base nessa análise dos principais títulos e enredos da micro-história o autor, em *A micro-história nos bastidores*, o capítulo mais denso do livro, preocupou-se em apresentar “o aparto conceitual da micro-história, em especial o papel da redução da escala e da “descrição densa”, bem como os tipos de recortes temáticos mais usuais, em termos de espaço e de temporalidade, na escolha dos temas e na delimitação dos objetos microanalíticos” (*Idem*; p. 12). Demonstra ainda o pioneirismo de textos como “O nome e o como” e “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, ambos de Carlo Ginzburg, escritos na década de 1970, e que já demarcavam o campo da micro-história em formação. Pautando-se no texto de Jacques Revel “Microanálise e construção do social”, o autor além de inventariar os principais debates instigados pela micro-história, indica que o gênero implicou na redefinição: dos pressupostos da análise sócio-histórica, da noção de estratégia social, da noção de contexto e na redefinição da hierarquia das problemáticas históricas.

Por fim, em *O macro e o micro em xeque*, que serve de conclusão à obra, o autor procurou mostrar a importância de se pensar a escala macro e micro-social em qualquer pesquisa, até por que, a micro-história demonstra sua importância, justamente quando mantém um diálogo direto e constante com a macro-história. E, segundo ele, esta talvez seja a falha mais grave de muitas pesquisas que se enveredam neste campo de pesquisa, ao descartarem, muitas vezes sem justificativas adequadas, a relação entre a macro-história e a micro-história, o contexto e o texto, a época e o(s) personagem(s). Desse modo, a obra permite um entendimento do que seja a micro-história, como e quando se originou, quais suas principais pesquisas e características, e, enfim, como se relaciona com a macro-história. Um ponto a ser talvez repensado seja o da localização da micro-história no interior da História das Mentalidades e da História Cultural, cuja ênfase à produção francesa, poderia deixar de lado a própria peculiaridade da historiografia italiana, que foi o berço da micro-história.

Referência bibliográfica

REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: J. REVEL (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Pp. 15-38. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.